



O USO DE JOGOS NA PRÁTICA DO PROFESSOR QUE ENSINA LIBRAS EM CURSOS DE EXTENSÃO: DISCUSSÕES PRELIMINARES

José Affonso Tavares Silva¹
Alana Monteiro Ferreira Maia²
Raquel Pereira de Lima³

GT 6 – Educação, Inclusão, Gênero e Diversidade

RESUMO

O objetivo geral deste artigo é analisar possíveis implicações do uso de jogos na prática do professor que ensina Libras em um curso de extensão da Universidade Federal de Sergipe-UFS. Este estudo traz resultados parciais de uma pesquisa em andamento na área de ensino de Libras. Para tanto, parte-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com base em Bogdan e Bicklen (1994), do tipo estudo de caso, apoiando-se em Gil (2011). Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados questionários e observação participante. As análises tomaram como referencial teórico estudos como Freire (1987); Felipe (2007); Brasil (2002); Araujo (2013), além de outros (as). Os resultados preliminares evidenciam que para favorecer um ensino mais convidativo e menos monótono, o uso do lúdico na prática do professor que ensina Libras, é uma das alternativas possíveis, especificamente por proporcionar interação, cooperação e dinamismo.

Palavras-chave: Ensino de Libras. Prática docente. Jogos. Cursos de Extensão.

ABSTRACT

The aim of this paper is to analyze possible implications for the use of games in the practice of Libras teachers in a Federal University of Sergipe's (UFS) extension course. This study brings partial results of an ongoing research in the Libras teaching field. To do so, it begins with a qualitative research, a case study type based on Bogdan and Bicklen (1994) and Gil (2011). Questionnaires, games and participant observations were used as instruments of data collection. Among the researchers, the following stand out: Freire (1987); Felipe (2007); Brazil (2002); Araujo (2013) and others. In view of this, the preliminary results show that the use of ludic elements in Libras teachers' practices is an alternative to encourage a more inviting and less monotonous teaching specifically for providing interaction, cooperation and dynamism.

Keywords: Libras teaching. Teaching practice. Games. Extension courses.

¹ Mestrando em Ensino de Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Especialista em Libras (UCAM). Graduado em Pedagogia pela Faculdade São Vicente de Pão de Açúcar (FASVIPA). Graduando em Letras-Libras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). E-mail: <affonso_tavares92@hotmail.com>.

² Especialista em Educação Inclusiva e Libras pela Faculdade Amadeus (FAMA). Graduada em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo (FPD). Atualmente, graduanda em Letras LIBRAS pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e professora de Educação Básica da rede pública estadual de ensino na cidade de Aracaju-SE. E-mail: <alanamfmaia@gmail.com>.

³ Mestra em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Letras Português pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Atualmente, pós-graduanda *latu sensu* em Libras: Tradução, interpretação e ensino pela Faculdade de Administração e Negócios de Sergipe (FANESE), graduanda em Letras Libras pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e professora assistente do Departamento de Libras. E-mail: <raquellima10@yahoo.com.br>.



INTRODUÇÃO

A busca pelo conhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras vem crescendo cada vez mais, seja por profissionais da educação, pais de pessoas surdas ou por aqueles que tem interesse em aprender uma língua nova. Nesse contexto, os cursos de extensão na área em destaque recebem públicos com objetivos diferentes, mas, principalmente, para uma comunicação efetiva com o sujeito surdo no ambiente profissional, social e/ou familiar.

O professor que ensina Libras, neste trabalho mais especificamente para pessoas ouvintes, planeja suas aulas com o intuito de atender às necessidades de cada discente e de acordo com o nível de proficiência na língua. Desta forma, o conhecimento de quem é o aluno torna-se necessário e imprescindível para se pensar no como ensinar.

A partir disso, compreendendo quem é o aluno e suas especificidades, preocupa-se de qual forma o ensino será posto. Acredita-se que uma das possíveis maneiras de ensinar Libras a pessoas ouvintes seja por meio de jogos lúdicos devido às contribuições a ao processo de aprendizagem. Diante desse contexto, levanta-se a seguinte questão: Quais possíveis implicações do uso de jogos na prática do professor que ensina Libras em cursos de extensão?

O presente estudo, fruto da vivência enquanto ministrantes de cursos de extensão na área de Libras, justifica-se pela necessidade de procurar por diferentes formas de ensino em que haja interação entre os alunos/alunos/professor, além de promover uma aprendizagem mais prazerosa e convidativa, características que o lúdico⁴ dispõe.

O fazer docente, nesse sentido, perpassa por questões que merecem ser refletidas antes mesmo da sua prática propriamente dita. Nessa conjuntura, delineou-se como objetivo geral, analisar possíveis implicações do uso de jogos na prática do professor que ensina Libras em um curso de extensão da Universidade Federal de Sergipe - UFS.

Nesse contexto, para a realização do referido estudo, seguiu-se alguns caminhos metodológicos como a abordagem qualitativa, apoiando-se em Bogdan e Bicklen (1994) e a pesquisa do tipo estudo de caso, embasando-se em Gil (2011), no qual, procura compreender as singularidades de um caso ou público específico. É importante salientar que, tal estudo traz resultados parciais de uma pesquisa que está em andamento iniciada em 11 de novembro de 2017, com término previsto para 19 de março.

⁴ O conceito de lúdico será apresentado no decorrer do estudo.



O artigo está dividido em três seções e considerações finais, sendo que inicialmente discute-se sobre o ensino-aprendizagem de Libras, destacando o seu ensino como segunda língua para pessoas ouvintes. Além disso, explana-se sobre o jogo na prática docente. Na seção seguinte, discute-se sobre a metodologia da pesquisa. Posteriormente, explana-se o ensino de Libras no curso de extensão por meio de jogos, destacando o contexto vivenciado, a descrição dos jogos e seus objetivos; como também alguns resultados preliminares. Finalmente, levantam-se algumas considerações sobre o estudo e sua contribuição para área de Libras.

1 O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Diante do atual espaço social, percebe-se que as relações de sociabilidade que ocorrem entre surdos e entre surdos e ouvintes vêm sendo ampliadas. Com isso, surgem reflexões sobre a necessidade do uso e da divulgação da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação e interação entre surdos e ouvintes brasileiros dentro do contexto educacional e social. Segundo Gediel *et al* (2012), a língua é de fundamental importância na construção, integração e socialização de saberes. Seu uso está inserido em contextos sociais, políticos, educacionais e econômicos, como descreve Celani (2000). Assim, a Libras passou a ser considerado um componente curricular das práticas inclusivas.

O ensino de Libras como L2 (segunda língua) para ouvintes é uma abordagem bastante complexa, pois depende de diversos fatores como: habilidade, idade, desejo de aprender e motivação. Além disso, depende também do contexto histórico, na qual, a abordagem de ensino está inserida.

1.1 O Ensino de Libras como L2 para Pessoas Ouvintes

Antes da criação dos cursos regulares de Libras, as pessoas aprendiam sinais para ajudar na comunicação entre surdos e ouvintes nas igrejas, principalmente evangélicas. Só depois, com a Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS), em 1987 que os cursos de Libras foram oferecidos regularmente. Porém, foi com o decreto 5.626/2005 que a procura e a oferta por cursos dessa língua aumentaram. Atualmente, além de cursos livres, há também a possibilidade de fazer graduação e pós-graduação na área.



Segundo Neves (2011), no Brasil não existe relatos sobre trabalhos a respeito das origens do ensino dessa língua. Todavia, é provável que os primeiros ensinamentos da língua de sinais, aqui no Brasil, se assemelhem aos ensinamentos da ASL (Língua Americana de Sinais) nos Estados Unidos, por estarem associados à forma de comunicação com as pessoas surdas.

Os contextos da ASL contribuíram para a construção do entendimento das metodologias utilizadas no ensino da Libras para ouvintes aqui no Brasil. Wilcox; Wilcox (2005) relatam que, nos cursos básicos de ASL, os professores priorizavam o conhecimento gramatical e a língua alvo era apresentada através de atividades de repetição, de substituição e de perguntas e respostas, utilizando assim o método audiolingual, o qual promovia a prática da língua alvo. Na medida em que o conteúdo estava sendo aprofundado, o conhecimento da língua progredia concomitantemente.

Devido a essa disseminação das estruturas da ASL, as características linguísticas da língua são incluídas como objeto de ensino nos cursos básicos. Neste cenário é desenvolvida uma nova abordagem, o método funcional, enfatizando a comunicação dentro das funções linguísticas diárias para que o aluno sinalizasse naturalmente tornando a aprendizagem dos ouvintes mais efetiva. Com isso, insere-se o método comunicativo devido ao uso da linguagem em situações reais enfatizando os aspectos como pronúncia, marcações não-manuais, habilidades, além de outros (WILCOX; WILCOX, 2005).

Contudo, o conhecimento sobre a língua de sinais americana nos cursos básicos não tornava o aluno usuário capaz de conversar naturalmente em ASL. A partir de então, percebeu-se que a competência gramatical/estrutural de uma língua é apenas uma parte do processo de aprendizagem e não o todo. É preciso também enfatizar a interação intercultural entre surdos e ouvintes, partindo de uma visão mais gramatical-estrutural para uma mais comunicativo-interativa.

No Brasil, destaca-se como pioneiro o trabalho coordenado por Tânia Felipe em 1993, intitulado “Metodologia do ensino de LIBRAS para ouvintes”, resultando na formulação do livro **LIBRAS em Contexto – Curso Básico**, que serve de orientações metodológicas para o ensino-aprendizagem da Libras. Observa-se alguns princípios gerais no capítulo orientações para o aluno, tais como:

Princípios gerais para o estudante:

Para que o aluno alcance um nível razoável em seu desempenho comunicativo, precisará ter o desejo e oportunidade de se comunicar em



LIBRAS, por isso as orientações metodológicas, abaixo, servirão dos seguintes princípios gerais que nortearão o ensino/aprendizagem desta língua:

- **Evite falar durante as aulas:** devido ao fato de as línguas de sinais utilizarem o canal gestual-visual, muitos alunos ouvintes ficam tentados a falar em sua língua enquanto tentam formular uma palavra ou frase na língua que estão aprendendo. Esta atitude pode ocasionar um ruído na comunicação, ou seja, uma interferência mútua de códigos que prejudica o processo de aprendizagem de uma segunda língua já que cada uma tem sua própria estrutura. Tente “esquecer” sua língua oral-auditiva quando estiver formulando frases em LIBRAS. Um aprendizado de uma segunda língua pode ter o suporte da primeira para se compreender e comparar as gramáticas das duas línguas, mas quando se esta estruturando uma frase tente “pensar” em LIBRAS;
- **Use a escrita ou expressões corporais para se expressar:** em um primeiro momento, devido ao fato de não se ter ainda um domínio da língua, o aluno, motivado por uma insegurança natural, é tentado a usar sua língua para perguntar ao professor ou aos seus colegas o que não consegue apreender de imediato. Uma alternativa, para evitar esta interferência, é a comunicação através da datilologia, da escrita, ou tentar a utilização de expressões corporal e facial a partir do contexto, recursos utilizados pelos próprios surdos ao se comunicarem com ouvintes, que não conseguem compreendê-los, quando se expressam oralmente, ou não sabem a língua de sinais. Tente sempre se expressar em LIBRAS, o professor entenderá sua comunicação e o induzirá aos sinais que serão necessários para a situação comunicativa que deseja expressar;
- **Não tenha receio de errar:** o erro não deve ser entendido com falha, mas como um processo de aprendizagem. Tenha segurança em si mesmo. Na comunicação sempre o erro está presente, mas o contexto ajuda a perceber a intenção comunicativa e o professor ou o colega poderá ajudar a encontrar a forma adequada para a situação. Pense na mensagem que se quer transmitir e não nas palavras isoladamente;
- **Desperte a atenção e memória visuais:** como os falantes de línguas orais-auditivas desenvolvem geralmente mais atenção e memória auditivas, é necessário um esforço para o desenvolvimento da percepção visual do mundo – um olhar, uma expressão fácil, sutis mudanças na configuração das mãos são traços que podem alterar o sentido da mensagem;
- **Sempre fixe o olhar na face do emissor da mensagem:** as línguas de sinais são articuladas em um espaço neutro à frente do emissor, mas como as expressões faciais e corporais podem especificar tipos de frases e expressões adverbiais, é preciso estar atento ao sentido dos sinais no contexto onde estão colocados. O importante é a frase e não o sinal isolado. É, também, considerado falta de educação o desviar o olhar durante a fala de alguém pois representa desinteresse no assunto;
- **Atente-se para tudo que está acontecendo durante a aula:** preste atenção nas orientações e conversas do professor com outro aluno e nas atividades feitas pelos seus colegas de classe. Tudo é aprendizagem;
- **Demonstre envolvimento pelo que está sendo apresentado:** através de aceno de cabeça, expressão facial e certos sinais, o receptor demonstra ao emissor da mensagem que está interessado, compreendendo e que este pode continuar sua fala (função fática da linguagem);



- **Comunique-se com seus colegas de classe, em LIBRAS, mesmo em horário extra-classe ou em outros contextos**, assim pode-se sempre exercitar e apreender as vantagens de se saber uma língua de sinais em certas situações onde se quer falar a distancia, o som atrapalha ou mesmo a mensagem deve ser sigilosa;
- **Envolve-se com as comunidades surdas**: como todo o aprendizado de língua, o envolvimento com a cultura e os usuários é importantíssimo, portanto, não basta ir às aulas e revê-las através da fita de vídeo, é preciso também buscar um convívio com os surdos para poder interagir em LIBRAS e, conseqüentemente, ter um melhor desempenho linguístico (FELIPE, 2007, p. 17-18).

Há também, no capítulo orientações para o instrutor/professor, princípios pautados em como ensinar a Libras:

Princípios gerais para o professor: Ensinar uma língua de sinais para ouvintes é tarefa difícil, por isso, certos princípios podem ser seguidos para melhor ensino-aprendizado: a) Desperte em seus alunos a segurança em si mesmos, reduzindo ao máximo as correções quando eles estiverem tentando se comunicar; b) Quando for fazer uma atividade individual, solicite primeiro aos alunos mais desinibidos ou aos que estão demonstrando ter compreendido melhor a atividade; c) Estimule sempre a produção, incentivando o uso da LIBRAS em todas as situações mesmo fora da sala de aula; d) Faça sempre atividades que exercitem a visão; e) Nunca fale em português junto com a LIBRAS, porque como estas línguas são de modalidades diferentes, uma pode interferir negativamente sobre a outra, já que uma necessita uma atenção auditiva e a outra, visual; f) Faça o aluno perceber que não deve anotar nas aulas porque isso desvia a atenção visual. A revisão das aulas em casa poderá ser feita através do Livro do Estudante e da Fita que acompanha esse livro; g) Não faça o aluno repetir suas frases ou memorizar listas de palavras, coloque-o sempre em uma situação comunicativa onde ele precisara usar um sinal ou uma frase. A tarefa do instrutor de língua é habilitar o aluno a ser um bom usuário, isto é, a usar a língua que está aprendendo para poder se comunicar; h) Incentive seus alunos a participarem de atividades sócio-culturais realizadas nas comunidades surdas para que possam se comunicar em língua de sinais brasileira (FELIPE, 2007, p. 12).

Contudo, grandes transformações vêm ocorrendo no ensino. O sucesso no processo de ensino-aprendizagem depende de inúmeras variáveis. Não há método de ensino melhor, mas sim aquele que, de acordo com o discente melhor se aplica. Há, entretanto, alguns princípios que podem embasar a atuação docente. Nesse contexto, Esteve (1997, p. 119), aponta três:

1. Identificar-se a si próprio como professor e aos estilos de ensino que é capaz de utilizar, estudando o clima da turma e os efeitos que os referidos estilos produzem nos alunos;
2. Ser capaz de identificar os problemas de organização do trabalho na sala de aula, com vista a torná-lo produtivo;
- 3.



Ser capaz de resolver os problemas decorrentes das atividades de ensino-aprendizagem, procurando tornar acessíveis os conteúdos de ensino a cada um dos seus alunos.

Estes princípios clareiam a atuação docente em sala de aula. Cabe, aos profissionais, encontrar meios eficazes de ensinar a língua de sinais, neste estudo para pessoas ouvintes, de acordo com as necessidades de cada um. Assim, a prática reflexiva torna-se um caminho possível quando se pensa no desenvolvimento educacional dos estudantes.

1. 2 O Jogo na Prática Docente do Professor que Ensina Libras

A Libras foi reconhecida oficialmente como língua das pessoas surdas do Brasil através da Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, e enfatiza o uso comunicativo dessa língua nas comunidades surdas. Deste modo, destaca-se:

Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

Diante disso, é preciso elaborar atividades pedagógicas que aliem ações interativas e construção de sentidos a partir de materiais concretos, visuais e acessíveis, facilitando a aprendizagem em diversos contextos reais. Com isso, o aluno ouvinte aprende a forma correta do uso dos sinais desenvolvendo de forma natural a semântica dentro da Libras.

Com jogos e brincadeiras contextualizadas, o docente habitua os alunos ao uso correto da estrutura gramatical da Língua de Sinais mostrando a diferença da estrutura da Língua portuguesa já adquirida pelo aluno ouvinte. O ato de ensinar, por meio do jogo, permite ao docente aliar teoria e prática dentro da sala de aula, facilitando a aprendizagem e estimulando a criatividade dos alunos enriquecendo as aulas de Libras, propiciando, desta forma, um ensino-aprendizagem estimulante e convidativo.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção serão apresentados e discutidos os caminhos percorridos metodologicamente pelos autores, destacando, inicialmente, o tipo de pesquisa. Destacam-se também os jogos utilizados na prática do professor que ensina Libras e o contexto do ensino dessa língua no curso de extensão realizado na Universidade Federal de Sergipe. Além disso,



levantam-se algumas discussões iniciais no que concerne à aprendizagem discente, uma vez que a pesquisa está em andamento.

2. 1 O Tipo de Pesquisa

Nesse contexto, para a realização do referido estudo, seguiu-se alguns caminhos metodológicos como a abordagem qualitativa, apoiando-se em Bogdan e Bicklen (1994) e a pesquisa do tipo estudo de caso, embasando-se em Gil (2011), no qual, procura compreender as singularidades de um caso ou público específico.

Os instrumentos de coleta e, posteriormente, análise de dados foram: a) observação participante, momento em que o professor aplica os jogos no ensino de Libras que, neste trabalho apresenta-se e discute-se de forma inicial, o jogo da memória e a caixa enigmática; b) questionário que será aplicado aos alunos/cursistas com o intuito de saber a opinião destes sobre o uso de jogos na prática do professor que ensina Libras no curso de extensão. Salienta-se que o questionário será discutido em pesquisas posteriores, uma vez que a pesquisa está em processo de realização.

2. 2 O Contexto do Ensino de Libras no Curso de Extensão

O curso de extensão: Libras Básico II, oferecido pela Universidade Federal de Sergipe-UFS acontece uma vez por semana, no turno noturno. Os alunos/cursistas, 30 em seu total, composto por estudantes da própria universidade⁵ e pessoas da comunidade, integram o grupo de discentes que procuram aprender Libras com objetivos diversos, entre eles: a comunicação com o sujeito surdo.

Os alunos/cursistas, apesar de participarem de um curso básico de Libras, nível II, alguns deles, já possuem fluência na língua, o que de certa forma implica no fazer docente, uma vez que o professor precisa estar atento às singularidades de cada um. Assim, indaga-se: como elaborar um ensino em que atenda a todos os participantes, aqueles que estão em processo inicial na língua e aqueles que já têm fluência? Que mecanismos utilizar? De qual forma? Ou não é necessário levar em consideração as especificidades discentes? Tais questões que foram destacadas contribuem para o repensar da prática, enquanto professor, mostrando novos e possíveis caminhos ao seu trabalho.

⁵ Os alunos/cursistas estudam em diferentes cursos de graduação da instituição: Teatro, Psicologia, História, Letras/Português, Letras-Libras e outros.



A procura por diferentes estratégias se fez necessária para que pudesse agregar um ensino inclusivo e ao mesmo convidativo e prazeroso tanto para os alunos como para o professor. Diante disso, encontrou-se por meio do lúdico⁶, mais precisamente, jogos adaptados em Libras, uma alternativa que contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e educacional do estudante (SILVA; OLIVEIRA, 2015).

2. 3 Da elaboração a aplicação dos jogos

Acreditando que o lúdico propõe um ensinar diferente, convidativo e desperta o interesse discente, foram criados, inicialmente, dois jogos adaptados para Libras como L2 aos estudantes/cursistas do curso de extensão. O primeiro deles foi o jogo da memória que tinha como objetivo principal, contribuir para a fixação do conteúdo: “sinais relacionados ao ambiente doméstico – sala, banheiro e quarto”, pois o professor percebeu que os estudantes estavam com certa dificuldade. É importante salientar que antes da aplicação do jogo, foram apresentados tais sinais de forma contextualizada.

Os materiais utilizados para a confecção do jogo da memória foram: papelão, figuras com os sinais, cartolinas, cola e tesoura. Diante disso, é possível perceber que com pouco recurso, até mesmo com materiais recicláveis, é possível elaborar instrumentos pedagógicos que auxiliam no fazer do professor, seja ele que ensina Libras ou disciplinas da grade curricular.

Figura 1: Jogo da Memória adaptado para Libras



Fonte: Acervo dos autores (2018)

⁶ A palavra lúdico se origina do latim *ludus* que significa brincar. No contexto educacional, o lúdico ganha um valor pedagógico muito importante, pois proporciona o desenvolvimento cognitivo, afetivo, matemático e social da criança.



O segundo jogo construído foi a Caixa Enigmática⁷, que teve como objetivo principal, desenvolver nos alunos/cursistas a expressão corporal e facial por meio de dramatização, além da fixação do conteúdo: profissões e sinais relacionados ao verbo procurar e seus empregos.

A Caixa Enigmática foi construída com os seguintes materiais: caixa de papelão, cartolinas, tesoura, pistola de cola quente e EVA. Outros materiais foram utilizados, mas para serem guardados dentro da caixa, em que os alunos/cursistas precisavam pegar tais objetos e continuar uma história iniciada pelo professor.

Figura 2: Jogo – Caixa Enigmática adaptada para Libras



Fonte: acervo dos autores (2018)

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES PRELIMINARES

A aplicação dos jogos foi planejada antecipadamente pelo professor em que observou as dificuldades vivenciadas pelos alunos/cursistas durante o percurso do curso de Libras. Nesse momento, algumas implicações iniciais foram sendo apresentadas, entre elas: a heterogeneidade da turma, principalmente em relação a fluência na língua. Apesar de ser necessário seguir o cronograma elaborado pela coordenação do curso, o docente sentia a necessidade de ir além, isto é, compreender as especificidades e dificuldades dos seus alunos.

Desta forma, repensar a prática trouxe um novo olhar para o fazer docente, em que o profissional constrói, desconstrói e reconstrói o seu processo de ensinar, refletindo na aprendizagem do aluno (a). É (re) pensando de maneira crítica a prática de hoje que se

⁷ A Caixa Enigmática foi uma adaptação de um material produzido por um dos autores deste artigo, juntamente com seu colega de uma disciplina do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática, NPGEICIMA/UFS. Porventura, percebeu-se que este jogo poderia ser utilizado no ensino de Libras também, adaptando-o.



modifica aquela de amanhã (FREIRE, 1987).

A partir desse pressuposto, o jogo da Memória adaptado para Libras, trouxe alguns resultados preliminares que contribuíram para entender que tal prática, mediada pelo uso do lúdico, requer um planejamento antecipado e com objetivos condizentes com o que se espera alcançar. Ao dar início ao jogo, o professor pode perceber o envolvimento e interesse de todos alunos/cursistas, principalmente, quando entre eles próprios, as dúvidas eram sanadas.

Cada participante ao escolher uma carta que estava virada para baixo tentaria reconhecer a figura⁸ e realizar o seu sinal. Para ganhar a jogada, era necessário encontrar o desenho que o representasse, posteriormente. O professor, nesse momento, percebeu que mesmo havendo certa competição, uns ajudavam aos outros, havendo interação e cooperação.

Outro ponto importante a ser destacado foi a função mediadora do professor no processo de realização do jogo. Os alunos, em alguns momentos, não se lembravam dos sinais ou sentiam dificuldade na forma de fazê-lo, precisando de intervenção. Diante disso, o docente apresentava contextos para que os discentes pudessem lembrar e sinalizar para os colegas que estavam jogando.

No que se refere ao segundo jogo: a caixa enigmática⁹, os alunos, inicialmente, ficaram com um pouco de vergonha porque era necessário seguir uma história em Libras criada pelo professor ao retirar um objeto que estava dentro da caixa. A vergonha demonstrada não era devido ao pouco conhecimento na língua, uma vez que o docente orientou, antecipadamente, que poderia utilizar gestos e mímicas. Mas, sim, em relação à dramatização, pois mesmo possuindo conhecimento das pessoas do curso, utilizar da expressão facial e corporal, tornou-se um obstáculo.

No entanto, ao passo que cada participante continuava a história com os objetos retirados da caixa, a vergonha foi ficando de lado, dando lugar a dramatizações e contextos criativos. No final do jogo, observou-se que os alunos/cursistas gostaram bastante do momento, demonstrando interesse em participar mais vezes.

As expressões faciais e corporais compõem os parâmetros da Língua Brasileira de Sinais. Concorde-se com alguns autores, no qual, expõem que este é um dos parâmetros mais

⁸ As figuras, representando os sinais, foram retiradas do dicionário ilustrativo de Libras (CAPOVILLA, 2013).

⁹ Seu nome: enigmática é a junção das palavras enigma e Matemática, criadas pelo autor e seu colega na disciplina Tópicos Especiais em Ensino de Matemática, do Mestrado (NPGECIMA/UFS). Mesmo havendo adaptação para Libras, os autores optaram por manter o referido nome.



importantes da língua, pois demonstra os sentimentos, as emoções que o sinalizante¹⁰ quer exprimir na comunicação, como menciona Araujo (2013).

Diante de todo exposto, reflete-se que é possível proporcionar um ensino de Libras mais convidativo, principalmente quando o público em questão estuda no horário noturno, turno este considerado mais cansativo por ter pessoas que trabalham ou estudam pela manhã e/ou tarde. Assim, pensar um ensino de forma lúdico e inclusivo, propõe um olhar para o outro, às suas singularidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo apresentou discussões preliminares de uma pesquisa em andamento sobre as implicações do uso do lúdico na prática do professor que ensina Libras. A questão que norteou este trabalho foi: Quais possíveis implicações do uso de jogos na prática do professor que ensina Libras em cursos de extensão?

Nesse âmbito, percebeu-se que para favorecer um ensino mais convidativo e menos monótono, o uso do lúdico na prática docente é uma das alternativas possíveis, especificamente por proporcionar interação, cooperação e dinamismo. É importante salientar que, tal prática necessita de um planejamento adequado e antecipado, pois se assim não for feito, o lúdico pode perder o seu valor pedagógico, passando a ser considerado um simples passatempo.

Diante disso, este artigo contribui, de forma inicial, para pensar em uma prática reflexiva, na qual, o professor procura por novos e diferentes formas de ensino que contribuam para a aprendizagem discente. Assim, acredita-se que, com a concretização da pesquisa, os pesquisadores poderão identificar e discutir novos dados, principalmente em relação a visão dos alunos/cursistas sobre tal prática.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. D. S de. **As expressões e as marcas não-manuais na língua de sinais brasileira**. 107 f. Dissertação (Mestrado em linguística). Brasília, DF, 2013.

BRASIL. **Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002.

¹⁰ Pessoa que realiza os sinais da Libras.



BRASIL. **Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002 e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal, Porto Editora, 1994.

CELANI, M. A. A. Relevância da Linguística aplicada na formação de uma política educacional brasileira. In: FORTKAMP, M. B. M.; TOMITCH, L. M. B. **Aspectos da linguística aplicada: estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bhon**. Florianópolis: Insular, p.19-20, 2000.

ESTEVE, M. J. (1997). Mudanças sociais e função docente. In A. Nóvoa (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, LDA, 2014.

FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. S. **LIBRAS em Contexto - Livro do Estudante - Curso Básico** - Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos/MEC – SEE, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GEDIEL, *et al.* Ensino de língua portuguesa como segunda língua para jovens e adultos surdos: relato de uma experiência. **Revista escrita**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 1-14, 2012.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NEVES, S. L. G. **Um estudo dos recursos didáticos dos recursos nas aulas de língua de brasileira sinais para ouvintes**. 128 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade Ciências Humanas. Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2011.

RICHARDS, J. C. **O ensino comunicativo de língua estrangeira**. São Paulo: SBS Editora, 2006.

SILVA, J. A. T; OLIVEIRA, C. M de. O uso do lúdico no atendimento ao aluno surdo nas salas de atendimento educacional especializado – AEE. In: **Encontro Alagoano de Educação Inclusiva. Anais...**Maceió, v. 1, p. 1-4, 2015.

WILCOX, S.; WILCOX, P. P. **Aprender a ver**. Editora Arara Azul: Rio de Janeiro, 2005.